

# DESPORTO, TEMPO E ESPAÇO DE CONHECIMENTO E VERDADE AS FISSURAS NO CORPO-TODO

António Camilo Cunha

Instituto de Educação – CIEC – Universidade do Minho

camilo@ie.uminho.pt

## Resumo

Este ensaio pretende realizar uma análise aprofundada do desporto como um cenário privilegiado para a manifestação e compreensão da verdade e a expressão da condição humana nas suas dimensões ontológica, epistemológica, ética/estética e metafísica. Estruturado em duas partes interrelacionadas, o texto tem como objetivo abordar distintas perspetivas sobre este fenómeno. Na primeira parte, o texto analisa o desporto como um campo de *conhecimento* que se alarga não apenas ao conhecimento científico – epistemológico – mas que incorpora várias formas de conhecimento. A segunda parte introduz reflexões de carácter *metafísico*, inspiradas pelo pensamento de Ortega y Gasset (2026). Assim, partindo da premissa de as ideias e as verdades são assimiladas por meio de fissuras, brechas e poros na estrutura cognitiva (cérebro), o que permite o surgimento de novas verdades e compreensões teóricas e práticas, defende-se que o desporto, por meio do "Corpo Todo" ("o grande cérebro"), constitui-se (também) como recetáculo e revelação de novas verdades motoras e de todas as dimensões e qualidades intrínsecas.

**Palavras-chave:** desporto; conhecimento; verdade; corpo; fissuras/metáfora.

## Abstract

This essay aims to conduct an in-depth analysis of sport as a privileged setting for the manifestation and understanding of truth and the expression of the human condition in its ontological, epistemological, ethical/aesthetic and metaphysical dimensions. Structured in two interrelated parts, the text seeks to explore different perspectives on this phenomenon. In the first part, the text analyses sport as a field of knowledge that extends not only to scientific – epistemological – knowledge but also incorporates various forms of knowledge. The second part introduces reflections of a metaphysical nature, inspired by the thought of Ortega y Gasset (2026). Thus, starting from the

premise that ideas and truths are assimilated through fissures, gaps and pores in the cognitive structure (the brain), which allows for the emergence of new truths and theoretical and practical understandings, it is argued that sport, through the ‘Whole Body’ (‘the great brain’), constitutes itself (also) as a receptacle and revelation of new motor truths and of all intrinsic dimensions and qualities.

**Keywords:** sport; knowledge; truth; body, fissures/metaphor.

## 1. Introdução

Ao considerar o desporto como um tempo e um espaço fértil para o conhecimento e para a revelação da condição humana na busca por significados e sentidos mais profundos, faz com que se amplie a visão em torno do corpo em movimento – como bases materiais e espirituais do desporto. Neste contexto o desporto (corpo/movimento), não deve ser percebido e abordado como uma máquina técnica ou ferramenta voltada à competição, mas como um campo repleto de possibilidades que emergem do íntimo de cada indivíduo, expondo as camadas mais profundas do Ser e destacando a singularidade na prática desportiva.

Para pensadores como Chardin (2014) o corpo e o movimento representam territórios de interioridade e transcendência, onde a ação física reflete uma procura por significados mais amplos e universais. Nietzsche (2010, 2014), por sua vez, valoriza o corpo enquanto fonte de criação e superação. Vai dizer que o corpo é a “grande razão”. Por seu lado, Deleuze & Guattari (1980) veem a realidade/corporeidade como uma rede de múltiplas linhas de fuga, nas quais se desdobram novas manifestações motoras, estéticas e poéticas. Gadamer (2018) também contribui para estas representações, associando o entendimento do corpo e do movimento à confluência entre diálogo e historicidade. Nessa ótica ampliada, os movimentos corporais transcendem a simples dimensão funcional, tornando-se campos de interação entre o conhecido e o desconhecido, o material/tangível e o imaterial/intangível/transcendente.

Reconhecendo que o deslocamento humano é alimentado tanto por conhecimentos externos quanto internos na busca por excelência e transcendência, surge uma inquietação/pergunta: como se originam os movimentos únicos? De onde vêm expressões (motoras) estéticas e poéticas inovadoras? De que modo surgem gestos técnicos e táticos que surpreendem, emocionam ou encantam? Para explorar essas questões, convocamos o pensamento de Ortega y Gasset (2026), que propõe uma

perspetiva interessante: ele sugere que verdades surgem nas fissuras da estrutura cerebral, espaços por onde penetram ideias imutáveis oriundas de um plano superior – uma visão alinhada à tradição platónica. Essas verdades, manifestam-se em novos conhecimentos teórico-práticos.

Com base nessa ideia, propõe-se uma analogia: o corpo em movimento pode ser entendido como um espaço repleto de fissuras integradoras, pequenas aberturas que dão lugar à integração/acolhimento e à manifestação/revelação de verdades motoras, estéticas e espirituais novas e inéditas. Assim como na mente humana as brechas (situadas no cérebro) possibilitam a entrada de novos saberes, as peculiaridades do corpo (o-corpo-todo) e o seu movimento também abrem caminho para assimilações e revelações transformadoras no universo do desporto.

As práticas desportivas não apenas preservam e perpetuam conhecimentos consolidados ao longo do tempo, mas também criam verdades marcadas pelo imprevisível, pelo sublime e pelo poético. Partindo da premissa de que o desporto opera simultaneamente como recurso e produtor de conhecimento, ele vai ocupar um papel central nas investigações multidisciplinares. Perante este contexto, este ensaio está dividido em duas partes: inicialmente, exploraremos como o desporto dialoga com diferentes formas de construção do saber/conhecimento, examinando as dinâmicas entre exterioridade e interioridade do conhecimento. Em seguida, abordaremos a dimensão do conhecimento que vem "de cima", aquele que surpreende tanto desportistas como espectadores através da sua imprevisibilidade e capacidade de “mostrar o novo”.

## **2. Primeiro momento – a questão do conhecimento**

### **Primeiro nível – Conhecimento de “*fora para dentro*”**

O conhecimento humano pode ser agrupado em várias categorias; no entanto, para este nosso exercício, vamos encimar duas grandes categorias: os "conhecimentos sustentados" e os "conhecimentos menos sustentados". No primeiro grupo, encontram-se os saberes estruturados e sistemáticos, como o conhecimento científico – inscrito em investigações empíricas, objetivas, exatas, matemáticas e tecnológicas — uma abordagem notavelmente destacada por pensadores como Comte (2014) e Durkheim (2019). Nessa categoria também está o conhecimento filosófico, alicerçado na razão, na lógica e na argumentação, bem como o conhecimento teológico, que conjuga razão, fé e a conceção de divindade.

No outro extremo, existem formas de saber que podemos denominar como "menos sustentadas", abrangendo o senso comum (doxa) e conhecimentos derivados de práticas artísticas, técnicas, culturais, religiosas, míticas, além de tradições milenares, como magia e feitiçaria. Essas manifestações, muitas vezes oriundas de contextos ancestrais, ainda se perpetuam no mundo contemporâneo. Dentro dessa vasta gama de saberes, encontra-se o desporto como espaço singular, pois acolhe e manifesta diferentes formas de conhecimento de modo diversificado, plural e inclusivo.

De facto, a natureza democrática do desporto permite a expressão e a integração de múltiplos saberes e linguagens que ajudam a compreender o ser humano e a sua condição. No entanto, na prática desportiva atual, percebe-se um predomínio do conhecimento técnico-científico, valorizado pela sua estrutura sistemática e pela possibilidade de validação objetiva (verificável), que parece estar mais próxima do rendimento, da performance e da eficácia desportiva. Ainda assim, não se pode ignorar a importância de outro tipo de saber que se constrói e se manifesta nas práticas desportivas: o "conhecimento tácito". Como apontaram Dreyfus & Dreyfus (2014), esse conhecimento vai além dos limites da teoria sistemática. É refinado pela relação entre teoria e prática, enraizado na experiência acumulada e no desenvolvimento da intuição.

Tal saber prático-experiencial é crucial no contexto desportivo, especialmente em situações que exigem decisões ágeis ou a execução de movimentos de alta complexidade. Polanyi (1958), ao introduzir o conceito de "conhecimento tácito", salientou o seu carácter não verbalizável, destacando que desempenha um papel determinante na efetividade da prática. Essa interseção entre razão, conhecimentos outros e ação prática ganha ainda mais profundidade com a visão de Gadamer (2018). Na sua abordagem hermenêutica, sublinha a relevância da experiência vivida, da arte e do jogo no processo de construção do entendimento no desporto. Para Gadamer, o conhecimento não é meramente objetivo; constitui-se pela interpretação das experiências e dos contextos específicos e plurais em que está inserido, conferindo-lhe um carácter dinâmico, complexo e interativo. Dentro dessa confluência de saberes, consciente ou tácito, habita uma riqueza de linguagens simbólicas e plurais que enobrecem a experiência desportiva.

Essa diversidade encontra eco em autores como Bourdieu (2017) e Geertz (2012), que destacam como as formas simbólicas e os significados individuais (individuação) e sociais são construídos nesse universo multifacetado. Assim, o desporto transcende a sua função inicial como prática física ou competição racionalmente pensada e praticada,

para se estabelecer como um campo individual, grupal, cultural vibrante e dotado de múltiplos significados.

### **Segundo nível – Conhecimento de “*dentro para fora*”**

Este nível propõe um entendimento do conhecimento que emerge da interioridade do atleta, contemplando o corpo nas suas dimensões ontológica, metafísica e fenomenológica. Pensadores como Heidegger (2017) e Merleau-Ponty (2017) sublinham o papel fundamental do corpo como espaço onde se manifesta o “Ser” e a “Percepção”. Heidegger apresenta o conceito de Dasein, destacando que a existência humana é revelada através do corpo, que constitui a forma primária de estar no mundo – de forma autêntica. De modo semelhante, Merleau-Ponty observa o corpo como uma ponte entre o sujeito e a realidade, sendo a base da percepção e do conhecimento. Argumenta que a corporeidade não é apenas um objeto, mas sim a possibilidade essencial de vivenciar o mundo, captá-lo e interpretá-lo antes mesmo de qualquer formulação racional.

A corporeidade surge, assim, como uma percepção primordial, uma inteligência sensível que antecede e transcende a racionalidade consciente. O corpo é o ponto de partida do conhecimento, local onde sensibilidade, intuição e racionalidade sensível se integram para criar uma zona de interação entre mente e corpo. Nesse contexto, Hadot (2002) destaca como as experiências corporais contribuem para uma sabedoria enraizada na vivência prática. Essa abordagem contrasta com a visão cartesiana de Descartes (2018), que separava mente e corpo em *res cogitans* e *res extensa* – conceitos que concebem o corpo como uma máquina subordinada à mente. Em oposição, Espinosa (2018) apresenta uma perspectiva monista integradora, na qual corpo e mente, espírito são diferentes manifestações de uma mesma substância, sendo o corpo uma expressão direta da potência do espírito.

Nietzsche (2010) reforça essa visão ao elevar o corpo à condição de “grande razão”, um motor vital regido por uma vontade criativa e instintiva que impulsiona o ser humano a desafiar limites. Vai valorizar o corpo como origem de um saber visceral, dinâmico e profundamente timbrado na essência do existir. Schopenhauer (2014), por outro lado, enfatiza a dimensão intuitiva do corpo como morada da vontade, uma força frequentemente irracional expressa pela fisicalidade. Estes pensadores convergem – numa síntese – na ideia de que o saber humano não se resume à racionalidade

cartesiana, mas é profundamente influenciado pela experiência vivida e pelas inteligências sensíveis moldadas pela corporeidade.

No domínio desportivo, o conhecimento originado “de dentro para fora” (que o corpo é tributário) revela-se como indispensável. Trata-se de um tipo de saber construído nas práticas vivenciais, capaz de integrar sensibilidade, criatividade, imaginação e liberdade. Aqui, o corpo deixa de ser apenas um suporte físico para assumir o papel de protagonista criador de sabedoria prática – uma autêntica “inteligência corporal”. Autores contemporâneos reforçam essa ideia: Dejours (2009) reconhece o corpo como sujeito cognoscente por si só, que experiencia a “dor” da vida prática; Damásio (2003) destaca a conexão essencial entre emoções, afeto, corporeidade e conhecimento; enquanto Varela, Thompson & Rosch (2017) postulam a teoria da cognição inativa, colocando o corpo no centro do processo de construção do sentido humano por meio da percepção.

O saber que emana do corpo, especialmente no desporto, caracteriza-se por uma profunda natureza fenomenológica: é construído através de tempos, ritmos e espaços percebidos de modo pré-reflexivo, em sintonia com o mundo circundante. Esse conhecimento mais profundo, renovador e criativo abrange os campos da motricidade, dos gestos motores, da estética, da emoção e da subjetividade. É no corpo em movimento que o ser humano percebe e interpreta a sua experiência no mundo (ser-no-mundo) de forma integral – um testemunho vivo da relação íntima entre corpo, espírito e mente no ato de conhecer.

### **Terceiro nível - O primeiro encontro entre o “fora” e o “dentro”: a imanência**

Este nível reflete (tenta fazer) uma síntese entre o que é externo e interno, onde a racionalidade científica, técnica e instrumental se conecta profundamente com a racionalidade pré-reflexiva, sensível e intuitiva. Trata-se de um espaço-tempo de ação consciente e inconsciente, no qual indivíduos, equipas, treinadores, árbitros e tecnologias convergem com o objetivo de alcançar decisões eficazes, práticas adequadas e desempenhos desejados.

De facto, a performance e a expressão desportiva, não se situam apenas na “racionalidade científica”; elas convocam uma “racionalidade sensível”. Conforme destacado por Merleau-Ponty (2017), essa dimensão manifesta-se na experiência sensível e corporal, onde o corpo não funciona apenas como uma ferramenta (como temos vindo a salientar), mas como uma expressão viva de sentido e intuição. No

desporto, esse momento de tensão (ou melhor, de encontro) é marcado pela constante busca pela perfeição – afirmação na vitória – e pela superação dos próprios erros – superação na derrota. Essa dialética ecoa a natureza heroica e trágica na qual o desportista se confronta com os seus próprios limites.

Pegando nos empréstimos – para o desporto – de Heidegger (2017), essa tensão é representativa da condição ontológica do ser humano, sempre situado entre a angústia existencial e a responsabilidade de atuar no mundo. Nesse contexto, gostaríamos de enfatizar a dimensão da autenticidade. Heidegger faz o elogio da autenticidade. Perante a morte (“somos seres para a morte”), a autenticidade é a única saída para vivermos uma vida autêntica no mundo. O desporto, enquanto lócus de “vida autêntica”.

A partir desta perspectiva, a ação desportiva torna-se um palco privilegiado onde o ser humano se manifesta na sua essência mais pura, enfrentando o risco, a incerteza e toda a panóplia de emoções que moldam a vivência dos atletas e daqueles que os rodeiam.

Neste envolvimento, Ricoeur (2012) argumenta que essa tensão constitui o cerne do agir humano, um estado em que o consciente e o pré-consciente coexistem, permitindo decisões mesmo em situações de risco e incerteza. Este entendimento é complementado e ampliado por Arendt (2018), que ressalta a relevância do julgamento no espaço público e na ação prática (dimensão política – o vivermos juntos na polis), onde a práxis política promove uma contínua articulação entre razão e sensibilidade, ética e estética. Estas representações no contexto desportivo, materializam-se na busca pela excelência que transcende o domínio técnico: o desporto torna-se uma expressão de valores éticos, estéticos, políticos e existenciais.

Dessa forma, a performance ou mesmo a prática regular no desporto pega no domínio técnico-tático e expande-se para abarcar as dimensões do existir, do sentir e do imaginar. O desporto tem na sua imanência (e na sua transcendência) um sentido profundamente existencial – uma busca de sentido – pegando nos ensinamentos de Frankl (2018).

#### **Quarto nível: o *segundo* encontro entre o “fora” e o “dentro”: a transcendência**

Ao lado da ação prática na imanência, surge a necessidade de uma ação que ultrapasse as fronteiras do racional, do imediato, do tangível e do sensível. Nesse horizonte, desponta a ideia de transcendência na imanência, um conceito que remonta às

reflexões de Chardin (2014), onde propõe a noção de uma “complexidade convergente” e de uma evolução em direção a uma unidade superior entre o humano e o divino.

A transcendência na imanência pode ser entendida como uma revelação contínua do fenômeno humano, uma dinâmica que aprofunda os mistérios do Ser e as ligações à sua vida vivida. Essa revelação encontra a maior expressão no encontro (do Eu) com o Outro. Lévinas (2017) traz um olhar muito particular sobre a vida humana, inscrevendo essa ideia de alteridade (o valor do Eu e do Outro – ética da alteridade), que, se estivermos atentos, está intrinsecamente presente no desporto. A transcendência na imanência manifesta-se, para além de um exercício conosco mesmos, sobretudo e também na relação com o Outro – uma dialética que consolida e amplia os nossos horizontes.

O rosto do Outro, do próximo, revela a transcendência na relação com ele, que nos impele a ultrapassar os limites do Eu e do Outro. Não se trata, portanto, de algo afastado ou alheio à existência humana, mas de uma abertura ao infinito presente no finito, traduzida em crescimento moral, espiritual e estético.

Gil (1985) observa que o transcendente na imanência se expressa por meio de experiências aparentemente comuns que, quando acolhidas com atenção e sensibilidade, desvelam significados mais profundos, próximos do sagrado – um extraordinário que vive no âmago do ordinário. Nesse contexto, a transcendência surge das interações entre corpos e da percepção do sublime embutido no belo, na procura última do belo. Adicionalmente, a transcendência na imanência apresenta-se também como um espaço-tempo onde o real e o simbólico se encontram e se enriquecem mutuamente.

Para Guénon (2017), tal vivência aproxima-se da experiência mística, na qual o comum é elevado ao sagrado por meio do corpo e do movimento real, simbólico e intuitivo. Aspirar ao invisível ou almejar objetivos além do imediato amplia a existência humana para territórios antes inalcançáveis. Kierkegaard (1995) destaca esse movimento (quando aborda os três estádios da evolução humana/espiritual – estético, ético, religioso) como um verdadeiro salto de fé que supera as fronteiras racionais, fundando alicerces para esperança e confiança futuras.

Neste envolvimento, não queremos deixar de evocar a ideia de utopia que também encontra a “sua casa” no desporto. A utopia, enquanto metáfora de um “não-lugar”, encontra a sua concretização nesse jogo entre transcendência e imanência – levando muitas vezes à concretização, ou seja, à elevação do Topos – O/AO Lugar. Bloch (2017) descreve essa possibilidade como uma esperança ativa: um impulso transformador que

convida à realização de ideais no tempo presente, unindo o real ao imaginário e projetando o futuro, mesmo dentro das limitações do agora.

A transcendência na imanência não é uma fuga, mas um processo contínuo de desvelar facetas mais amplas do fenómeno humano. Nas práticas desportivas, tal dinâmica manifesta-se na constante busca pela excelência, no heroísmo dos atletas e na criação de experiências estéticas que conectam o indivíduo à coletividade e, por extensão, ao absoluto. Exemplos como Pelé, Messi (futebol) ou Usain Bolt (atletismo) corporizam essa união entre corpo e alma num percurso rumo a um significado que transcende os seus próprios limites. Neles, esforço e beleza culminam em atos sagrados que transcendem o ordinário e ressoam com as complexidades mais profundas da experiência humana e divina.

### **3. Segundo momento - a questão metafísica e as fissuras no corpo-todo (a metáfora)**

Para fundamentar e dar luz a este segundo momento de análise (que tenta ilustrar e complementar a análise do primeiro momento), valer-nos-emos de Ortega y Gasset (2026) e da sua reflexão acerca da peculiar trajetória das ideias. O filósofo espanhol, ao reafirmar as premissas do seu perspectivismo, volta a evocar Platão e o seu "mundo das ideias": essa esfera anacrónica e atemporal, situada além do mundo sensorial, num domínio supraceleste e metafísico, onde as verdades existem na sua dimensão a-histórica – independentes do tempo.

Nesse sentido, como Platão outrora argumentara, Ortega y Gasset confirma que toda a verdade é eterna. A passagem do tempo muda o olhar humano e reorganiza os modos de pensar; no entanto, as verdades em si permanecem imutáveis, preservando a pureza e a perfeição que lhes são inerentes desde a sua fonte originária. São como metáforas primordiais que nos chegam de "cima", daquele "outro mundo" transcendental.

Somos capazes, enquanto seres humanos dotados de uma estrutura existencial composta por dimensões sensíveis e inteligíveis, imanentes e transcendentais, de apreender tais verdades e interpretá-las no contexto da nossa experiência. Aqui surge uma percepção quase poética: a ideia das "quedas", das vertigens e dos redemoinhos que nos lançam (as ideias e as verdades lançadas) e, simultaneamente, nos abrem para o acolhimento de novas ideias.

Ortega y Gasset, neste percurso reflexivo, formula uma constatação seguida de um questionamento. Primeiro afirma: necessitamos incessantemente de novas ideias e verdades. Elas não são mero adorno intelectual; antes, pelo contrário, constituem-se como um alimento existencial indispensável. Em seguida, questiona: como surgem as ideias inusitadas, essas verdades inéditas que jamais haviam sido concebidas, pensadas ou vividas? A resposta que propõe é eloquente: a nossa mente – ou, numa extensão mais abrangente que aqui propomos e defendemos, o nosso Corpo-Total – contém brechas, porosidades e fissuras capazes de apreender tais verdades emergentes.

Nessa dinâmica criativa que atravessa todos os campos da experiência humana – seja na literatura, na ciência, na matemática, nas artes ou no desporto (temática que nos anima) – encontramos indivíduos privilegiados, dotados de uma intuição singular para captar o fluxo dessas novas ideias (motoras/desportivas). Contudo, o surgimento de uma verdade nova ou de um conhecimento revolucionário nunca está desprovido de tensões: tais momentos inaugurais possuem uma carga intrínseca de esforço, dor e angústia, um verdadeiro drama criativo que se assemelha ao ato do parto – uma espécie de maiêutica socrática, oriunda da transcendência para a imanência – “de cima para baixo”.

Neste contexto, tomamos a liberdade de fazer emergir duas metáforas: a metáfora da “*árvore*”, para ilustrar que as árvores crescem alimentando-se de baixo para cima, retirando substâncias do solo através das suas raízes (de alguma forma concretiza as conhecimentos que anteriormente já havíamos abordado – “de fora para dentro e dentro para fora”; e a metáfora do “*céu*”, em que os humanos se alimentam de alto para baixo, com raízes enraizadas no “*céu*”, na esfera das verdades ontológicas e epistemológicas. Essa metáfora é evocada ao tratar do exemplo icónico de Isaac Newton. Ortega y Gasset questiona: por que foi precisamente Newton o recipiente da descoberta da gravidade e não outros contemporâneos quaisquer? Segundo ele, Newton possuía as condições ontológicas, metafísicas e epistemológicas apropriadas – um “*cérebro cheio de fissuras*” que lhe permitiu captar, revelar e interpretar essa nova verdade vinda do alto.

Esta narrativa lembra observações feitas (em entrevistas concedidas) por grandes pensadores portugueses nos seus relatos sobre o *processo de conhecimento e criativo*. Eduardo Lourenço, por exemplo, afirmava numa entrevista: “Eu acredito que as ideias pairam no ar ao nosso redor; apenas as atraio, “puxo” para mim, capturo-as, sou um pescador de ideias.” Agostinho da Silva remetia a um sentimento semelhante ao dizer que recolhia ideias que “andavam por aí”. Por sua vez, António Lobo Antunes descrevia a escrita como um ato árduo e transformador: escrevia aquilo cuja origem desconhecia;

enquanto os seus dedos produziam narrativas que ele ainda nem conhecia plenamente, descrevia o ofício como um processo doloroso e intenso.

Inspirados nestes pensadores, sobre o poder criativo humano, podemos também argumentar que o desporto pode ser visto como um espaço privilegiado onde certos indivíduos – ou talvez todos nós – revelam um "corpo pleno de brechas", apto a receber e manifestar novas ideias motoras. O desporto torna-se um palco amplo onde surgem verdades técnicas e táticas que transcendem a mera materialidade. Traduz-se em gestos sublimes, poéticos, artísticos. Voltando a convocar o exemplo do futebol: Pelé, Maradona, Ronaldo (o Fenómeno), Messi, Cristiano Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho, entre muitos outros (ou outras modalidades), mas também o Joãozinho, que joga nas camadas jovens... são desportistas “cheios de fissuras” que recebem e revelam o nunca visto, o inusitado, o espanto, a comoção.

### **Considerações finais**

O desporto, entendido como um espaço de conhecimento e busca pela verdade, oferece uma metáfora viva do corpo integral, onde verdades se interconectam numa jornada constante por sentido, significado, afirmação, superação e transcendência. Essa abordagem amplia o entendimento do fenómeno desportivo, que não se limita às dimensões materiais, quantitativas e instrumentais, mas que também convoca outras dimensões do humano relacionadas ao sentido do conhecimento e às possibilidades onto-metafísicas.

Nesse cenário, o corpo – o corpo inteiro do desportista – manifesta-se através de fissuras, poros e aberturas (a metáfora) compreendidas como momentos de abertura e possibilidade, um espaço de encontro entre a dimensão humana, o espiritual e o infinito, onde o antigo e o novo se cruzam. A partir desse encontro, emergem novas revelações técnicas, táticas, estéticas, poéticas, éticas, artísticas e relacionais.

É nesse patamar de análise e interpretação que podemos afirmar que o desporto constitui uma condição de linguagem universal, uma prática capaz de agregar e mostrar novos e diversos saberes motores, que estruturam a compreensão da experiência humana na sua essência e nas esperanças mais profundas.

### **Referências bibliográficas**

Arendt, H. (2018). *A condição humana*. Companhia das Letras.

- Bloch, E. (2017). *Esperança e mudança*. Hedra.
- Bourdieu, P. (2017). *A reprodução* (C. Reichstul, Trans.). Ed. Zahar.
- Chardin, P. T. (2014). *O fenômeno humano*. Paulus.
- Comte, A. (2014). *Discurso sobre o método* (C. N. Coutinho, Trad.). Contraponto.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1980). *Mil mesetas: capitalismo e esquizofrenia*. Editora Brasiliense.
- Descartes, R. (2018). *Discurso do método* (J. Silva, Tradução). Editora X.
- Dreyfus, H., & Dreyfus, S. (2014). *Mind over machine: The power of human intuition and expertise in the age of the computer* (J. de Almeida, Trad.). Martins Fontes.
- Durkheim, É. (2019). *As formas elementares da vida religiosa*. EdUSP.
- Espinosa, B. de. (2018). *Ética* (J. M. de Almeida, Trad.). Vozes.
- Frankl, V. (2018). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Cultrix.
- Gadamer, H.-G. (2018). *Verdade e método* (J. M. de Almeida, Trad.). Paulus.
- Geertz, C. (2012). *A interpretação das culturas*. Cosac Naify.
- Guénon, R. (2017). *A crise do mundo moderno* (C. A. Machado, Trans.). Vozes.
- Gil, A. (1985). *A experiência religiosa*. Paulinas.
- Heidegger, M. (2017). *Ser e tempo* (S. Penna, Trans.). Abril Cultural.
- Hadot, P. (2002). *Exercícios espirituais e filosofia antiga* (J. A. Seabra, Trad.). Presença.
- Lévinas, E. (2017). *Totalidade e infinito*. Petrópolis: Vozes.
- Merleau-Ponty, M. (2017). *Fenomenologia da percepção* (J. M. de Barros, Trad.). Martins Fontes.
- Nietzsche, F. (2010). *A vontade de potência* (P. César de Almeida, Trad.). Ed. 70.
- Nietzsche, F. (2014). *A Gaia Ciência* (J. A. F. Fernandes, Trad.). Companhia das Letras.
- Ortega y Gasset, J. (2026). *O que é a filosofia* (R. Custódio, Trad.). Bertrand Editora.
- Polanyi, M. (2010). *O conhecimento pessoal: uma introdução à filosofia da ciência* (M. L. de Arruda Câmara, Trad.). Loyola.

Kierkegaard, S. (1995). *Estádios do homem: ou a vida de luta* (J. C. Brandão, Trad.). Vozes.

Ricoeur, P. (2012). *A memória, a história, o esquecimento*. Cia. das Letras.

Schopenhauer, A. (2014). *O mundo como vontade e representação* (S. Montanari, Trad.). Ed. Abril Cultural.

Varela, F. J., Thompson, E., & Rosch, E. (2017). *O cérebro encarnado: uma nova teoria da mente* (S. L. F. de Almeida, Trad.). Vozes.